

**Excerto de livro de Ryszard Kepuszinski, *The Shadoww
of the Sun*, de 2001**

Tradução de José Luíz Pereira da Costa

A história de Leshina

Um bom exemplo dessa transformação enaltecida é a história do disco de Leshina. Leshina, uma mulher de cerca de quarenta anos, vivia na Zâmbia. Tirava seu sustento de um pequeno comércio ambulante nas ruas de Serenge. Nada a diferenciava das demais mulheres nas mesmas condições. Eram os anos 60, e em várias partes do mundo ainda havia toca-discos a manivela. Leshina possuía um desses gramofones e um disco velho e arranhado. Nele estava gravado um discurso de Churchill de 1940, no qual o estadista conclamava os ingleses para as abnegações e os sacrifícios necessários numa guerra. Leshina colocava o gramofone no pátio de sua casa e girava a manivela. Do metálico megafone pintado de verde emanavam murmúrios enrouquecidos, um burburinho, tudo misturado aos ecos de uma voz emocionada, embora os sons fossem incompreensíveis e desprovidos de sentido. Leshina explicava aos cada vez mais numerosos ouvintes que aquela era a voz de um deus que a havia nomeado sua representante na terra e a quem todos deviam obedecer cegamente. Seu pátio passou a atrair verdadeiras multidões, e seus seguidores, na maioria pessoas pobres, sem dinheiro nenhum, num esforço sobre-humano construíram um templo na inata, onde rezavam e realizavam cultos. A retumbante voz de Churchill que ressoava no templo no início de cada culto levava os crentes ao êxtase, deixava-os em transe. Como os governantes africanos se envergonham desse tipo de manifestação religiosa, o presidente Kenneth Kaunda enviou tropas contra Leshina. Os soldados invadiram o culto, mataram centenas de inocentes e, com os tanques, reduziram a pó o templo de barro.

A África para os eleitos

"O espírito da África sempre aparece na forma de um elefante porque um elefante não pode ser derrotado por nenhum outro animal. Nem pelo leão,

nem pelo búfalo, nem pela serpente ."

Um europeu em visita à África vê apenas uma parte do continente - na maioria das vezes, só a camada externa, sua parte menos importante e menos interessante. Seus olhos deslizam pela superfície sem se aprofundar, conto se não acreditasse que por trás de cada coisa pode se esconder um mistério e que, dentro dele, podem se ocultar ainda mais mistérios. A cultura européia não está preparada para mergulhar nas fontes de outros mundos e de outras culturas. O drama de toda cultura - e da européia, inclusive - remonta ao passado, quando se estabeleceram os primeiros contatos com outras civilizações. Na maioria das vezes, esses contatos foram conduzidos por pessoas da pior espécie, por saqueadores, mercenários, aventureiros, degredados, traficantes de escravos, entre outras. Embora tenha havido exceções - bondosos missionários, viajantes e pesquisadores apaixonados-, o tom, o clima e o padrão dos relacionamentos culturais foram impostos, há séculos, pela escória humana. Obviamente, nem passava pela cabeça dessa gente a idéia de conhecer outras culturas, de estabelecer uma linguagem comum, de respeitar outros povos. A maioria dos aventureiros era formada por mercenários brancos, descorteses e insensíveis e, freqüentemente, analfabetos. Seu único interesse era conquistar, saquear, matar; não pretendiam o conhecimento mútuo, a aproximação, a integração. O resultado desses encontros de culturas diferentes foi se tornarem inimigas e, na melhor das hipóteses, indiferentes umas às outras. Seus representantes, com exceção dos patifes já mencionados, se evitavam e se temiam. A monopolização dos contatos entre as culturas por essa espécie de gente foi a causa do mau relacionamento entre elas. As relações entre as pessoas passaram a ser guiadas pelo mais primitivo dos critérios - o da cor da pele. O racismo passou a ser a ideologia pela qual as pessoas definiam suas posições na ordem mundial. Brancos e negros: nessa relação, ambos os lados sentiam-se desconfortáveis. Em 1894, o general inglês Frederick Lugard, à frente de um destacamento militar, penetra no interior da África Ocidental para dominar o reino Borgu. Antes, porém, deseja encontrar-se com seu monarca. O emissário do rei informa que este não pode recebê-lo. Durante todo o encontro, o emissário cospe sem cessar num recipiente de bambu pendurado em seu pescoço: o ato de cuspir é uma defesa, uma purificação do contato com o homem branco.

O racismo, o ódio àqueles que nos são diferentes, o desprezo e o desejo de exterminá-los têm suas raízes nas inter-relações coloniais na África. Tudo foi

desenvolvido e praticado lá séculos antes de os sistemas totalitários inocularem essas práticas tenebrosas e infames na Europa do século xx.

Outro efeito de o monopólio dos contatos com a África haver ficado nas mãos de seres desprezíveis é o fato de as línguas européias não terem desenvolvido um vocabulário capaz de descrever adequadamente outros mundos não-europeus. Extensas áreas da vida africana deixaram de ser estudadas, e nem mesmo foram tocadas, pela limitação das línguas européias. Como descrever o verdejante e abafado interior da selva? Que nome dar às centenas de árvores e arbustos? Conhecemos palavras como "palmeira"; "baobá", "eufóbia", mas estas são árvores que não crescem na selva. E as gigantescas árvores da altura de dez andares que crescem em Ubangi e Ituri, como se chamam? Como designar os incontáveis insetos que se encontram por toda parte e que continuamente estão nos atacando e picando? Por vezes, até se descobrem seus nomes em latim, mas o que podem significar para o leitor comum? E esses são apenas aspectos da botânica e da zoologia. E quanto ao vasto domínio da psique, das crenças e da mentalidade africana? As línguas européias são ricas, mas unicamente para descrever sua própria cultura e representar seu mundo. Quando se arrisca em outras culturas, quando tenta descrevê-las, expõe suas limitações, seu subdesenvolvimento, todo seu desamparo semântico.

Na África há milhares de ocorrências diversas e contraditórias. Alguém dirá: "Lá há guerra". U terá razão. Outro poderá dizer:

"Lá reina a paz". E também estará certo. Tudo depende de onde e quando.

Na época pré-colonial – portanto, há não muito tempo –, existiam na África mais de 10 mil pequenos países, reinos, uniões étnicas e federações. Ronald Oliver, professor de história da Universidade de Londres, em seu livro *The African Experience* (Nova York, 1991), chama a atenção para um paradoxo aceito por todos: o de que os colonialistas europeus dividiram a África. Dividiram?, espanta-se Oliver. O colonialismo foi uma brutal unificação perpetrada a ferro e a fogo! Dez mil nações diferentes foram reduzidas a cinqüenta.

Mas muito dessa diversidade, desse mosaico, desse quadro em constante movimento composto de pedrinhas, ossinhos, conchinhas, arvorezinhas, plaquetas e folhinhas, continua existindo. Quanto mais olhamos para esse painel, mais vemos os pedaços do quebra-cabeça ir mudando de forma, de lugar, de cor, até emergir um espetáculo que nos atordoia por sua diversidade, riqueza e vibrante colorido.

Anos atrás, passei a noite de Natal no Parque Nacional de Mikumi, no interior da Tanzânia. Era uma tarde quente, clara e sem brisa. Em um descampado no meio do mato e debaixo de um céu desprovido de nuvens, foram postas algumas mesas e, sobre elas, peixes assados, arroz, tomates e *pombo*, a cerveja local. Tudo iluminado por velas e lâmpadas de querosene. O ambiente era descontraído e, como é comuns na África nessas ocasiões, com muitas piadas e risos. Estavam presentes vários ministros de Estado da Tanzânia, embaixadores, generais e chefes de clãs. A meia-noite já havia passado quando sentia impenetrável escuridão, que começava logo depois das mesas iluminadas, balançar e ribombar. O barulho e o tremor foram ficando cada vez mais fortes, até que, do negrume por trás de nós, irrompeu um elefante. Não sei se alguém já deu de cara com um elefante-não um elefante de zoológico ou de circo, mas um saído das selvas da África, onde ele é o formidável senhor do mundo. Quando o viram, as pessoas foram tornadas de pânico. Um elefante solitário e desgarrado do bando é um animal enfurecido e tresloucado; ataca vilarejos, esmaga choupanas e mata homens e gado.

O elefante é monstruoso. Contempla-nos com um olhar penetrante e está imóvel e quieto. Não sabemos o que vai pela sua enorme cabeça nem o que fará em seguida. Permanece parado por alguns momentos e depois, calmamente, começa a passear entre as mesas. O silêncio e sepulcral - todos estão paralisados de medo. Ninguém pode se mexer, pois qualquer movimento despertaria sua fúria, e ele é um animal rápido; não há como fugir. Por outro lado, sentados, nos colocamos à sua mercê, nos expomos ao seu ataque, corremos o risco de ser esmagados pelas patas do gigante.

O elefante continua o passeio, olha para as mesas postas e para as pessoas estáticas. Seus movimentos e o balançar da cabeça indicam que está hesitante, que não consegue decidir que atitude tomar. Isso dura uma eternidade. Em dado momento, intercepto seu olhar. Ele nos fitava com atenção e em seus olhos notei alguma tristeza.

Por fim, depois de algumas voltas em torno das mesas e da clareira, o elefante nos deu as costas e mergulhou na escuridão. Quando o solo parou de tremer e a escuridão voltou a se aquietar, um dos tanzanianos sentados perto de mim perguntou: "Você viu?". "Sim" respondi, ainda incapaz de me mover. "Um elefante." "Não"; retrucou o tanzaniano. "O espírito da África sempre aparece na forma de um elefante porque um elefante não pode ser derrotado por nenhum outro animal. Nem pelo leão, nem pelo búfalo, nem pela serpente."

As pessoas se dispersaram em silêncio e os meninos apagaram as luzes sobre as mesas. Ainda era noite, mas já estava próximo o momento mais deslumbrante de toda a África o amanhecer.